

Universidade Federal da Paraíba

Reitor

Rômulo Soares Polari

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo

Revista Graphos

Editores

Expedito Ferraz Júnior

Fabricao Possebon

Organizadoras do Dossiê “Literaturas de Língua Francesa”

Germana Henriques Pereira de Sousa (UnB)

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

Marta Pragana Dantas (UFPB)

Pareceristas Ad Hoc

Alexia Teles Duchowny (UFMG)

Alfredo Adolfo Cordiviola (UFPE)

Alomia Abrantes da Silva. (UEPB)

Ana Cláudia Félix Gualberto(UFPB)

Clélia Barqueta(UFPB)

Fábio Luis Cecchetto-Gasparin (UNESP)

Liane Schneider (UFPB)

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UnB)

Nilton Anjos de Oliveira (UFRJ)

Piero Luis Zanetti Eyben (UnB)

Sebastien Joachim (UFPE/UEPB)

Conselho Editorial

Ana Cristina Marinho Lúcio

Genilda Azerêdo

Luiz Antonio Mousinho Magalhães

Marta Pragana Dantas

Conselho consultivo

Aloísio Dantas (UFCG)
Cristina Mello (Universidade de Coimbra)
Elisalva Madruga Dantas (UFPB)
Ester Míriam Scarpa (UNICAMP)
Genilda Azeredo (UFPB)
Gentil Luís de Faria (UNESP/ Rio Preto)
Henrique Graciano Murachco (USP)
Juan Antônio Lopes Ferez (UNED/Espanha)
Juvino Alves Maia Júnior (UFPB)
Maria da Gloria Bordini (PUC/R.S.)
Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB)
Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara)
Maria do Socorro Aragão (UFC)
Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG)
Mônica Nóbrega (UFPB)
Nadilza M. de B. Moreira (UFPB)
Peggy Sharpe (Florida State University)
Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
Valdir Flores (UFRGS)
Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB)

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

2012

APRESENTAÇÃO

Literaturas de Língua Francesa corresponde ao segundo dossiê da Graphos voltado especificamente para reflexões acerca de Literaturas estrangeiras. Essa iniciativa pretende, por um lado, dar continuidade à política do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB de evidenciar os vínculos acadêmicos e interinstitucionais que vêm se intensificando ao longo dos últimos anos, e, por outro lado, favorecer a reflexão crítica acerca da importância de obras e de escritores(as) da Literatura francesa na constituição da Literatura universal, bem como na formação de boa parte do corpo docente e discente desse programa.

Buscando romper com a lógica dos complexos mecanismos e normas que regem a “República Mundial das Letras” (CASANOVA, 2002), no processo hierarquizante e hegemônico da canonização literária, propomos para esse dossiê uma reflexão não apenas acerca da Literatura produzida pelos(as) escritores(as) franceses(as), mas igualmente por autores(as) de continentes diversos que se utilizam da língua francesa como veículo para suas manifestações literárias. Tal reflexão se apoia, em parte, nas discussões desenvolvidas pelos estudos pós-coloniais nas últimas décadas do século XX, que nos impulsionam a pensar além da diversidade cultural e do multiculturalismo, e considerar, como fenômeno cada vez mais visível na era da mundialização, o fenômeno da transculturalidade.

A maioria das sociedades contemporâneas se configura pela fluidez das fronteiras culturais que dá um contorno transcultural a suas expressões linguísticas e literárias, estimulando a dinâmica das línguas e das construções literárias. No caso das literaturas de língua francesa, as imbricações culturais são perceptíveis tanto nos escritos de autores(as) originários(as) de espaços geográficos exteriores ao território francês - mesmo se tratando oficialmente de departamentos ultramarinos - , quanto em narrativas contemporâneas de escritores(as) nascidos(as) na França, porém marcados(as) pela experiência diaspórica dos processos de desterritorialização e reterritorialização.

A noção de transferência cultural está presente, aliás, na prática de línguas estrangeiras, assim como nos estudos e ensino de suas literaturas, no ato tradutório. Tal percepção se faz notável, por exemplo, nos artigos reunidos neste volume.

Tradução de texto poético constitui o elemento desencadeador das discussões dos dois primeiros artigos desse número. Partindo da análise da tradução e retraduições literárias publicadas no Brasil do poema *Apparition* de Mallarmé, Álvaro Faleiros, também tradutor, poeta e professor, refaz o trajeto histórico da recepção do *poète maudit* no nosso país, através das aparições e desaparecimentos periódicos das suas traduções. Ao mesmo tempo, Faleiros propõe uma reflexão acerca das propostas de retradução do poema que acompanham a própria trajetória dos projetos tradutórios no Brasil ao longo de mais de um século.

O segundo artigo, intitulado **Ritual Venusiano**, corresponde a uma leitura do poema *Grates ago Veneri*, do poeta francês Pierre Blois, integrante do repertório dos *Carmina Burana*. Os autores Gilberto Lucena e Fabrício Possebon situam-no dentro da tradição de *ars amandi* da poética erótica dos clérigos vagantes, conhecidos por goliardos. O artigo traz uma tradução do texto latino, proposta por Álder Júlio, membro

do Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais da Paraíba, do qual os autores também fazem parte; além de focalizar questões específicas da estética goliárdica, no âmbito da Literatura francesa medieval e sua contextualização histórica. Apesar de inegável importância para a formação da Literatura Ocidental, os estudos medievais continuam, pelo menos no Brasil, ocupando um espaço periférico nos cursos de Letras e em toda a engrenagem do campo literário, em geral. Eis, portanto, uma oportunidade para nós leitores(as) nos indagarmos, com desconfiança, a respeito da construção do nosso cânone.

Através de questionamentos e desmoronamento de pretensos universalismos da Literatura, o século XXI vem se definindo, talvez, como a “era dos indignados”. As crises do momento atual, as flutuações de verdades absolutas, a recuperação das memórias individual e coletiva como instrumento de defesa frente à hegemonia do pensamento e do saber, se apresentam na contemporaneidade como ecos das discussões do período pós-guerra, denominado pela escritora Nathalie Sarraute de “era da suspeita” (*L'ère du soupçon*, 1956).

Nesse período de contestação e crise, a partir da segunda metade do século XX, vemos surgir no cenário literário francês o que ficou consagrado pela crítica como *Nouveau Roman*. Samuel Beckett, Nathalie Sarraute, Marguerite Duras são alguns dos escritores mais representativos desse movimento estético do século XX, na França, cujas obras são objeto de análise nesse dossiê. Oriundos de nações distintas – Irlanda, Rússia, Indochina – esses escritores migrantes escavaram a língua francesa para assentarem marcas de suas línguas e literaturas “menores” (Deleuze, Guatarri, 1975) no inovador projeto estético da Literatura Francesa da época.

Em **Não posso continuar, vou continuar: reflexões sobre a falência da linguagem em *Molloy*, de Samuel Beckett**, os professores Willian André e Regina Célia dos Santos Alves fazem um resgate de autores dos séculos XIX e XX tais como Nietzsche, Kierkegaard, Camus, Clément Rosset, Joyce, Proust, que ajudaram na construção da estética do romance moderno francês através do questionamento e desestabilização dos pilares sólidos da linguagem da representação, baseada na razão, na lógica, sobre os quais a história da filosofia Ocidental é fundada. A análise de *Molloy* (1951), primeiro romance do irlandês Samuel Beckett escrito em francês, é entretecida pela identificação de elementos (des)construtores da linguagem dos personagens-narradores Molloy e Moran: “Inconsistência, subjetividade, perda da memória, perda da consciência, falta de referências, esvaziamento, entre outros” (p.38).

Tais marcas de incomunicabilidade, denominadas aqui de “falência da linguagem”, são igualmente perceptíveis como técnicas narrativas adotadas por escritores do *Nouveau Roman*, como Nathalie Sarraute, citada anteriormente. Germana de Sousa, uma das especialistas da escritora no Brasil, analisa o uso da linguagem no romance *Le Planétarium* (1959), enfocando a relação de suspeita e confiança que se cria no seio da narrativa entre autor, narrador, personagens e leitor. A pesquisadora apoia-se sobretudo nas próprias obras anteriores de Sarraute, onde são traçadas as diretrizes do seu pensamento e definidos alguns conceitos essenciais para a construção de suas narrativas, como a noção de “tropismos”. Definidos como “movimentos interiores que habitam os lugares mais obscuros da consciência humana”, “tropismos” se apresentam como recursos constituintes da obra ficcional sarrautiana, na medida em que elementos-chave das narrativas como narrador, personagens, intriga, se apagam ou se deslocam para abrir espaço à multiplicidade de pontos de vista a partir de uma poética da palavra advinda desse fluxo interior.

Marguerite Duras recorre também a esse percurso interior da subjetividade como “grau zero” da sua criação artística. A estudiosa da obra de Duras, Adriana Corrêa,

aproxima a sua obra com a da escritora brasileira Clarice Lispector, destacando em seus projetos literários a reflexão acerca do ato de escrever como elemento gerador de efeito na novela *A hora da estrela* e na coletânea francesa *Écrire*. Para Corrêa, a construção dessas duas obras, assim como o processo de leitura das narrativas por parte do leitor são pontos de convergência, na medida em que “tanto em um processo como no outro, há uma busca constante do desvendamento do desconhecido, que, por não ser definitivamente desvendado, acaba por ratificar, mais uma vez, a questão da impossibilidade de nomear como a constituição de um catalisador para a incompletude textual.” (p.66).

As obras de Sarraute, Duras e Lispector definem bem o projeto inovador de ressignificação das palavras e da estrutura narrativa que marcaram as últimas décadas do século XX. A escrita como tradução da subjetividade, recriação da linguagem e transgressão estética seria para essas escritoras, então, um processo de autotradução, de busca de identidades? Ou, até mesmo, um projeto existencial - como definiu Eliana de Freitas com relação às narrativas autobiográficas da escritora Simone Beauvoir?

Na contramão das outras narrativas analisadas nesse dossiê, as autobiografias de Beauvoir inserem-se no contexto da Literatura Francesa novecentista com uma proposta muito clara de ferramenta para comunicar algo. Freitas cita a reflexão da pesquisadora Sallenave para definir o que esta chama de “escrita autoritária” de Simone de Beauvoir: “É uma escrita às antípodas do que, nos anos 60-70, tornou-se o alfa e o ômega de toda reflexão sobre literatura: nenhum traço em Beauvoir, mas antes uma recusa completa a qualquer referência à morte do autor; ou à intransitividade do texto” (p. 84). Percorrendo as obras da autora, Freitas propõe refletir sobre a trajetória de escritora de Simone Beauvoir, a partir de suas narrativas autobiográficas. Toda sua obra apresenta marcas do existencialismo, que dominou uma parte da produção francesa do período entre e pós-guerra e desempenhou também um papel político relevante no processo de conscientização libertadora de atos de opressão. Assim como Beauvoir, no caso da formação de uma crítica feminista na França, o existencialismo de Sartre contribuiu inegavelmente para os movimentos de descolonização do continente africano.

Em seu impactante prefácio, intitulado *Orfée Noir*, à *Anthologie de la nouvelle poésie noire et malgache* (1948), organizada pelo escritor senegalês Léopold Sédar Senghor, Jean-Paul Sartre se coloca como tradutor para o leitor ocidental da literatura negra e, com entusiasmo, escreve: “Hoje, esses homens negros nos olham e nosso olhar entra em nossos olhos; tochas negras, por sua vez, clareiam o mundo e nossas cabeças brancas não passam de pequenos lampiões balançados pelo vento”.

O artigo **Signo lírico: a mulher negra através de Léopold Senghor e Jorge de Lima** é mais um estudo comparativo do dossiê, desta vez entre um poeta senegalês e um brasileiro. Conduzido por Amanda Brandão e pelo professor e pesquisador Luís Mousinho, o estudo evidencia a intertextualidade ideológica entre dois poemas que se constroem, de um lado, em torno da negritude (*Femme Noire*) e, de outro, do regionalismo (*Essa Negra Fulô*). Uma série de elementos comuns às duas literaturas emerge da análise (como o ritmo popular do poema do autor brasileiro que se aproxima dos sons africanos), que busca fundamento na semiótica da cultura.

A prosa de outro escritor africano, o marroquino Tahar Ben Jelloun, é abordada em seguida no artigo de Rita Jover-Faleiros, dentro de uma perspectiva do ensino de francês como língua estrangeira (FLE). Tomando como texto para análise *Les amandiers sont morts de leurs blessures* (2003), a autora defende uma leitura do texto literário que incorpore o processo de compreensão escrita do leitor/aprendente, isto é, que se abra para o “texto do leitor”.

A literatura canadense de expressão francesa, pouco difundida no Brasil, ganha neste número uma resenha crítica dos escritores Miguel Nenevé e Marcos Marques, que se debruçam sobre a trama policial da ficcionista Danielle Forget *L'Appétit des eaux* (2001), mostrando o diálogo que a obra estabelece entre o Canadá e o Brasil. Este diálogo se instaura desde a epígrafe do romance, extraída do conto *Amor (Laços de família)*, cujas palavras, como indicam os autores, “adiantam os temas que estarão presentes no romance policial de Forget: as águas, a crueza do mundo e a morte.” (p.114).

Finalmente, dois artigos encerram este número, na sessão reservada a textos que tratam de temáticas diferentes daquelas propostas no dossiê. O primeiro deles, **De Homero a Teolinda Gersão e a Gonçalo M. Tavares: Odisseia em transformação**, da escritora e pesquisadora Annabela Rita, discorre sobre a maneira como os dois escritores portugueses contemporâneos dialogam, a partir de uma escrita paródica, com o cânone ocidental, seja na literatura, revisitando referências literárias incontornáveis como Homero e Camões, seja na música, evocando *Les jeux d'eau* de Maurice Ravel, seja ainda no cinema, remetendo a Glenn Gordon Caron (*Love affair*) ou a Stanley Donen e Gene Kelly (*Singin' in the rain*), entre outros. Já o texto de Hermano de França Rodrigues, **A Filosofia e a subjetividade humana: as vicissitudes da enunciação**, coloca-nos diante de uma problemática bastante cara aos estudos da linguagem: a enunciação em sua dimensão social e os mecanismos coercitivos implicados no dizer. Nesse contexto, a linguagem emerge como filtro social.

Que esse voo planetário pelos diversos espaços da literatura de língua francesa, do medieval ao contemporâneo, atravessando a África, a Europa e a América, bem como pelos cruzamentos de outras literaturas, desperte o apetite do leitor!

Germana Henriques Pereira de Sousa
Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
Marta Pragana Dantas